

## “MÃO DO HOMEM, MÃO DA HISTÓRIA – O FLUXO HISTÓRICO E AS AÇÕES DO HOMEM NA FUNDAÇÃO DA REPÚBLICA”

**Aluno(a): Diana Sandes**  
**Orientador(a): Berenice Cavalcante**

### **Introdução e Objetivo**

Analisar as matrizes principais na iniciativa de legitimar a experiência republicana na sociedade brasileira e que se evidencia no período que se estende de 1889 a 1898, tais quais o argumento da inexorabilidade do regime e suas diferentes formas de fundação.

### **Metodologia**

Os textos teóricos utilizados no presente trabalho são: *Problemas atuais da teoria republicana*, de Newton Bignotto, *A formação das almas. O imaginário da república no Brasil*, de José Murilo de Carvalho e *República do Catete*, de Renato Lessa. Os periódicos de época são *O Paiz*, *Jornal do Comércio*, *Jornal do Brasil* e *Revista da Semana*.

### **Conclusão**

Como é amplamente reconhecido pela historiografia, a proclamação da República no Brasil, em 15 de novembro de 1889, foi fortemente marcada pela ausência do elemento popular. De acordo com a célebre frase de Aristides Lobo, o povo teria assistido “bestializado” o surgimento do novo governo implantado de forma de certo sentido inesperada. Esse quadro de ausência de apoio de setores da sociedade brasileira foi agravado pelas manifestações de descontentamento logo na aurora do regime republicano.

É nesse quadro, tornou-se evidente para os republicanos a necessidade de legitimar a República brasileira e angariar novos adeptos. Na arena política constituída entre as linhas dos periódicos da época, encontra-se diversas vertentes que, através de diferentes caminhos, partilhavam de objetivos bem próximos.

Um primeiro exemplo encontra-se no argumento da inexorabilidade da forma republicana no curso da história brasileira. Com um discurso que buscava naturalizar o surgimento do regime, essa interpretação esvaziava o papel dos homens no curso dos acontecimentos históricos. Dessa forma, buscava-se neutralizar as oposições. Entende-se assim a afirmação de que qualquer mudança seria “*absolutamente imposta pela lei evolutiva do entendimento acessível à maioria*”<sup>1</sup>.

Em sentido diverso, identifica-se o esforço de legitimação da República através da adoção de uma perspectiva moderna de história, na qual se dava as costas ao passado ao considerar o surgimento de um novo tempo a partir de um momento tido como uma espécie de marco inicial. Para os defensores dessa idéia, a “revolução” de 1889 deveria representar a fronteira de rompimento e distanciamento em relação ao passado brasileiro. É neste marco inaugural que se situa o momento de fundação do regime. O império, neste caso, ficaria enterrado num velho tempo, que deveria ser esquecido pela nova República. Um artigo de 1890 nos traduz esse movimento através do par

---

<sup>1</sup> O Paiz, 16 de novembro de 1893, Publicações a pedido.

luz/sombra. O império sombrio cederá lugar à briosa República, por uma “*metamorfose súbita*”.<sup>2</sup>

Um terceiro caminho buscava construir uma identidade entre o povo e a República numa distinta compreensão do tema da fundação, que, em vez de dar as costas ao passado – como descrito anteriormente – buscava as tradições brasileiras. Enquanto neste caso o presente se guiava pelo passado, no outro, se guiava pelo futuro.

Neste sentido, é fundamental o papel representado pela história nesse intenso respeito ao passado: “*A República fora sempre o ideal nacional, a quem com desprevenido espírito estudar a nossa história há de encontrá-la inspirando as primeiras insubordinações nos tempos da colônia (...)*”<sup>3</sup>. É no passado se irá buscar alguns dos mitos de fundação da República, como, por exemplo, a invenção de alguns heróis nacionais. Tiradentes representa uma forte referência, o grande defensor da república desde os tempos das inconfiáveis: “*Nesse dia o completo e elevado ideal personificados em Tiradentes teve a sua última realização*”<sup>4</sup>. Outros heróis encontravam-se mesmo em um passado mais próximo, como é o caso dos dois primeiros presidentes da República, muitas vezes enaltecidos pelos periódicos de época, como a referência a Deodoro pode ser exemplar: “*Saúdo-vos, heróico soldado e iminente patriota, neste dia solene para o nosso Brasil*”<sup>5</sup>

Na construção do imaginário simbólico republicano, os esforços também se voltaram para a criação da bandeira e do hino nacional. Foram várias as propostas neste sentido, como bem analisa José Murilo de Carvalho. “*Não podia ser de outra maneira, de vez que são esses tradicionalmente os símbolos nacionais mais evidentes, de uso quase obrigatório.*”<sup>6</sup>

Também nas festas promovidas em comemoração ao aniversário da proclamação da República, principalmente aquelas que pretendiam se adornar de um caráter mais popular, buscava-se a construção de um sentimento de pertencimento por parte do povo, bestializado ou revoltado, em relação à República, o que os jornais não deixam de registrar anualmente.

Os esforços voltados à legitimação da República foram, ao longo principalmente dos seus primeiros anos, diversos e intensos no objetivo de conquistar e construir da forma mais conveniente o imaginário coletivo brasileiro. Contudo, vale registrar que esta não foi um percurso fácil dada as dificuldades encontradas por esses fundadores na concretização dos seus objetivos. Pelo caminhar atual da pesquisa, podemos concluir que no Brasil, pelas especificidades de sua própria história, a República encontrou dificuldades para impor-se em setores amplos da sociedade brasileira.

---

<sup>2</sup> Jornal do Comércio, 15 de novembro de 1890, Publicações a pedido.

<sup>3</sup> O Paiz, 15 de novembro de 1895, A festa da República.

<sup>4</sup> O Paiz, 15 de novembro de 1893, Quatro anos.

<sup>5</sup> O Paiz, 16 de novembro de 1891, Avulsos.

<sup>6</sup> CARVALHO, José Murilo de. “Bandeira e hino: o peso da tradição”, IN *A formação das almas. O imaginário da república no Brasil*.